

DURANTE vários anos, no inverno, eu e minha mulher, Katie, vínhamo-nos prometendo que, da primeira vez que houvesse realmente bastante neve, iríamos de barco até ao grande rochedo do outro lado do Rio Potomac para tirar fotografias da nossa casa. O lugar é espetacular. As margens do rio, cobertas de espessa floresta, erguem-se quase a pino como um penhasco, e nossa casa fica empoleirada no alto

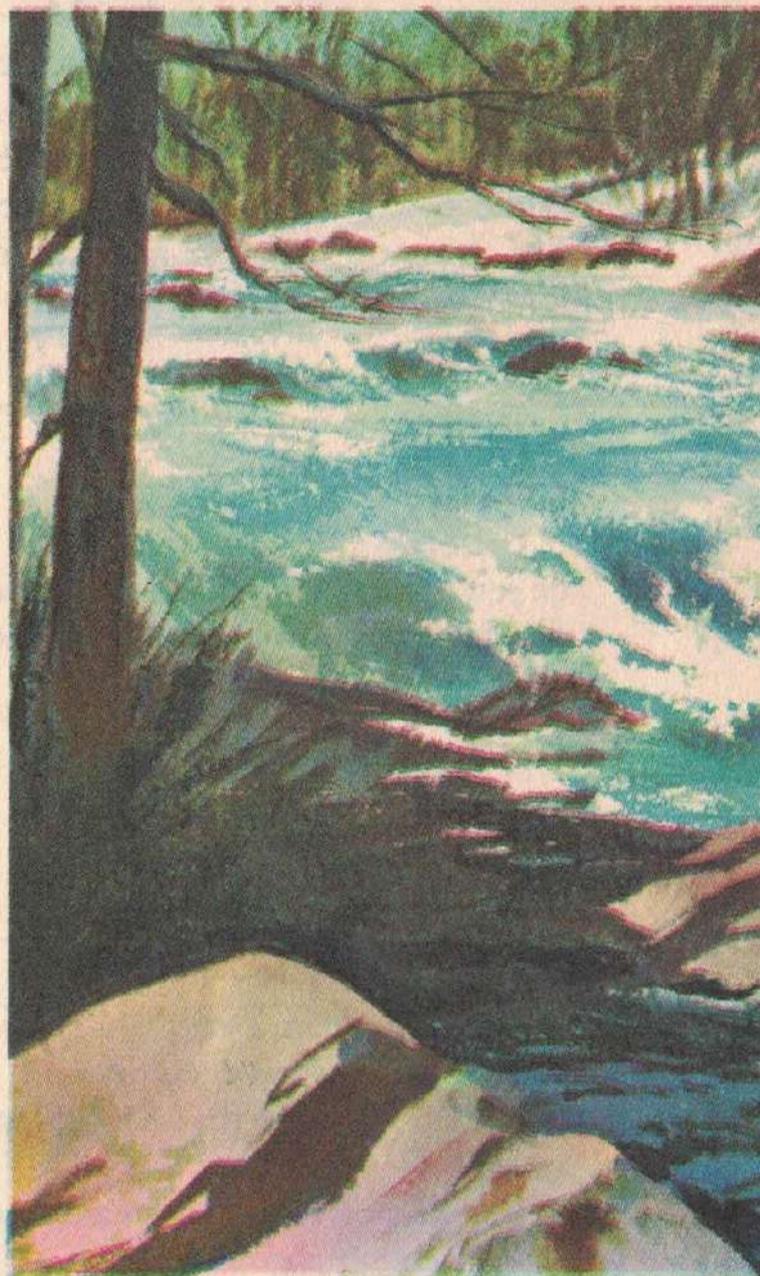
de um morro. Do rochedo, a turbulência da corredeira em Yellow Falls, logo abaixo, formaria um primeiro plano de grande efeito; combinando-o com a encosta do morro onde está a casa, esperávamos obter uma fotografia maravilhosa.

No dia 8 de fevereiro do ano passado, havia uns 30 cm de neve nova brilhando sob um sol cintilante. Fazia um frio terrível, mas o dia era de uma beleza pungente.

A Morte e o Rio Amigo

SCOTT SEEGER

Nós costumávamos pensar nele como o “nosso rio”—um membro da família—até ao dia em que atentou contra as nossas vidas



—Nunca teremos um dia melhor do que êste—disse eu.—Vamos.

Conhecíamos bem aquêle trecho do Potomac, a alguns quilômetros da cidade de Washington. Era um membro da família, o lugar onde nossos filhos tinham aprendido a nadar e em cujas rochas ensolaradas tínhamos feito piqueniques durante anos. Mas aquêle rio amável, o *nosso* rio, naquele dia iria ensinar-nos uma lição que nunca esqueceremos.

O caminho até ao rio fôra antigamente uma trilha de carroças que levava a uma pequena mina de ouro, havia muito abandonada. Se bem que dezenas de primaveras chuvosas tivessem pontilhado o caminho de buracos, nosso jipe nos levava até à beira do rio, e nos trazia de volta, sendo que nessa viagem de volta, em dois pontos, eu tinha de prender um cabo numa árvore e usar um guincho para transpor os obstáculos.



Lá fomos nós, pelos bosques e morro abaixo, com nosso leve esquife de alumínio de dois metros e meio deslizando alegremente atrás de nós como um trenó. Quando chegamos à margem, coloquei com cuidado minhas câmaras no esquife. Envoltos em várias camadas de roupas pesadas, de botas e luvas, embarcamos desajeitadamente e largamos.

O rio estava cheio e a correnteza era forte, mas eu tinha lançado o esquife num ponto do rio bem acima do rochedo grande. Não houve problema em remar até ao outro lado e deslizar até ao rochedo. Quando passamos por êle, agarrei um pequeno bôrdo e puxei o barco para a margem. Eu já fizera isso muitas vezes antes.

Amarrei o esquife, limpei a neve da pedra e subi até em cima com cuidado. A vista da casa *era* realmente magnífica. No primeiro plano, a cachoeira saltava como safiras fundidas ao sol intenso. Katie passou-me as câmaras, uma de cada vez, algumas com lentes normais, outras com teleobjetivas. Para ter a certeza de obter exatamente o material que queria, tirei várias fotos com cada uma.

Cautelosamente, Katie guardou as câmaras e sentou-se na pôpa do esquife. Eu embarquei e coloquei os remos nas forquetas. Mas, assombrado com a beleza da paisagem, afastei o barco do rochedo ainda de pé, em vez de sentar-me e estar pronto para remar no minuto em que soltasse o barco. Antes que eu pudesse sentar-

me, a correnteza havia colhido o esquife, fazendo-o rodopiar e levando-o para além do rochedo. As quedas não ficavam a mais de 12 metros de distância.

Sentei-me e remei com tôda a minha fôrça. O esquife parou um instante quando as pás entraram na água. Teríamos escapado da correnteza da cachoeira se um dos remos não tivesse batido numa pedra quase à flor da água e saltado da forqueta. O impulso meio de lado lançou o barco atravessado na corrente, e corremos em direção à cachoeira.

Naquele determinado lugar, a cachoeira tem três degraus, sendo o último e maior uma queda de uns 60 cm, que cai num poço profundo e remoinhante. O esquife balançou-se levemente ao descer o primeiro degrau. Consegui meter o remo de nôvo na forqueta e endireitar o barco quando descíamos o segundo degrau num tumulto de espuma. Agora, já não havia possibilidade de tornar a subir o rio, mas ainda não tínhamos água a bordo. Por um momento tive a esperança louca de que poderíamos sobreviver também à última queda.

—Segure-se bem—disse eu a Katie.—Lá vamos nós!

O esquife empinou como um cavalo selvagem . . . e o mundo explodiu.

Voltei à tona agarrado ao esquife emborcado. Katie estava a meu lado, também agarrada a êle. O frio paralisante apertava-me o peito com cintas de aço. Eu mal podia respirar.

Numa voz que parecia uma vitrola enguiçada, eu disse:

—Segure-se ao barco. Mexa as pernas e braço puxando para a margem.

Estávamos no braço principal do rio, a cêrca de 50 metros da margem e do jipe que nos esperava. Embora esperneássemos e agitássemos muito os braços, as pernas com botas e as mãos enluvadas estavam pesadas e quase imprestáveis, e a correnteza nos levava rapidamente rio abaixo. Tive alguns segundos para ver o lindo estôjo de couro com minha Graflex nova desaparecer dentro da água.

De repente, com um estouro, a correnteza lançou o esquife de encontro a uma pedra grande. Como que em câmara lenta, pelejamos para subir na pedra, e consideramos nossa situação. Os remos tinham desaparecido. Embora eu conseguisse virar o barco para cima, continuou meio submerso, prêso contra a pedra pela correnteza. Durante uns 10 minutos eu puxei o esquife, mas não consegui arrastá-lo para cima da pedra o suficiente para tirar-lhe a água.

—Temos de abandonar o barco— disse eu.

Tiramos as botas e os agasalhos mais pesados. Com os dedos duros como gravetos, soltei a corda de amarração e atei uma ponta ao pulso de Katie. Segurando a outra ponta, comecei a andar por um banco submerso.

—Vou tentar alcançar aquela pedra—disse eu a Katie, apontando

para uma pedra um pouco adiante, no canal veloz entre nós e a margem.

—Se a corda der até lá, eu a puxo. Se não der, salte na água assim que ela esticar.

O frio tremendo doía como uma gigantesca dor de dentes. (Soubemos depois que a temperatura da água era de dois graus centígrados e a do ar de sete abaixo de zero.) Só não nos apavoramos, simplesmente porque não tínhamos compreendido quanto a nossa situação era desesperadora. Não conseguíamos nadar com as roupas que ainda nos restavam, mas sabíamos que, conservando os pés para baixo quando afundássemos, logo tocaríamos numa parte rasa ou numa pedra onde poderíamos tomar impulso para vir à tona e respirar. E, se tomássemos sempre um impulso em direção à margem, chegaríamos lá. Aí seria apenas uma questão de andar pela floresta até ao jipe, ir para casa e acender um fogo. Ou assim pensávamos nós.

Lancei-me à água profunda e fui ao fundo. A correnteza me arrastou, fazendo-me bater com as pernas nas pedras debaixo da água. Por fim, consegui pôr os pés para baixo, apoiei-me fortemente no fundo, e vim à luz do dia. Abri a bôca para respirar antes da hora e, em vez de ar, engoli uma golfada de água do Potomac. Fiquei surpreendido e indignado. “Nosso” rio estava tentando afogar-me! Da próxima vez que emergi, engoli ar em vez de água, e tornei a afundar.

Não alcancei a pedra que eu visa-

va, mas fui parar em outra, rio abaixo. Katie tinha caído na água no momento em que a corda esticara, e um minuto depois estava a meu lado. Não sei quantas travessias de pedra em pedra assim nós fizemos, mas finalmente chegamos à margem, a uns 350 metros longe do jipe.

—O pior já passou—disse eu a Katie, mas estava enganado.

A margem erguia-se diante de nós numa ribanceira íngreme de uns dois metros e meio de altura. Mesmo arrastando-se e engatinhando, Katie não conseguia subir. Agarrados um ao outro, patinhamos através do gelo e raízes emaranhadas à beira da água até que a margem ficou mais plana. Katie caía a cada passo, e, a cada queda, arrastava-me consigo. Depois de poucos minutos, eu não tinha mais forças para levantá-la.

Começamos a andar de árvore em árvore. Dávamos alguns passos cambaleando, depois caíamos. Eu conseguia levantar-me e tentava arrastar Katie até a uma árvore. Usando a árvore como esteio, conseguíamos levantá-la, e rumávamos para outra árvore. Depois a próxima árvore, uma de cada vez.

Perdendo aos poucos a consciência das coisas, fomos tropeçando e nos arrastando através de uma pequena clareira, de onde podíamos avistar nossa casa, lá em cima. Ela estava a menos de 150 metros, bem em cima do morro. Mas podia estar até na Lua, pois não estávamos absolutamente em condições de subir a encosta íngreme.

A uns 140 metros do jipe, Katie caiu pela última vez.

—Não posso mais andar—murmurou ela, deitada de bruços na neve.

Eu a sacudi e disse:

—Você tem de mover-se—mas ela não respondeu.

—Vou apanhar o jipe e volto para buscá-la—disse eu.

Ela nem me ouviu. Caminhei aos tropeções para o jipe. De repente, as árvores começaram a girar loucamente, e a terra subiu e bateu no meu rosto. Eu caía cada vez que meus pés dormentes topavam com uma pedra. Quando faltavam talvez uns 70 metros, eu não consegui mais me levantar. Arrastei-me até à árvore mais próxima, agarrei-me e arrastei-me, até que fiquei de pé. Por entre lábios gelados demais para poder pronunciar direito as palavras, uma voz grunhiu:

—Raios me partam se eu vou morrer gelado assim tão perto de casa.

Com um impulso, afastei-me da árvore, dei cambaleando uns 10 passos, caí e arrastei-me até à árvore seguinte. Eu nem sentia mais o frio. Em minha cabeça só havia lugar para um pensamento. *Jipe*. O mundo se resumia num jipe vermelho.

De repente eu estava lá, tateando à procura da porta, arrastando-me para o assento. Concentrando-me como um campeão de xadrez, olhei para o painel. A ignição entrou em foco. Desajeitadamente, consegui meter a chave nela. *Afogador*. Com o motor frio, o jipe não pega se não

se puxar o afogador. Meus dedos inúteis resvalaram pelo botão do afogador. Usei ambas as mãos, e ambas escorregaram. O afogador era o centro do universo. *Puxe o afogador para fora.* Uma chave inglesa meio aberta estava no chão. Pus a boca sobre o botão do afogador, as mãos atrás da chave e puxei. O afogador saiu. Não consegui virar a chave. Tornei a usar a chave inglesa. O motor pegou.

Tentei segurar a direção durante um minuto precioso, antes de compreender que minhas mãos não a conseguiriam agarrar. Enganchei meus pulsos nos raios do volante, e então, cautelosamente, conduzi o jipe até às pedras onde Katie estava deitada. Não me lembro de tê-la despertado, nem posso imaginar como é que ela entrou no jipe. Com o restinho de consciência que eu ainda tinha, dei a mim mesmo instruções detalhadas.

Tenho de lembrar-me para não fazer a volta aqui, porque as árvores são muito juntas. Dê marcha à ré. Mexi algumas vezes na alavanca de mudança, e ela finalmente entrou na marcha à ré. O jipe retrocedeu em ziguezague até um lugar mais aberto. Eu fiz a volta e levei o pedal do acelerador até à tábua. Rodopiando como louca, a floresta passava de ambos os lados numa carreira desenfreada.

Não vou tentar a estrada da mina por onde descemos porque não posso manejar o guincho e o cabo. Tente o caminho do outro lado do vale. Ron-

cando a tôda a fôrça na tração das quatro rodas, o jipe forçou seu caminho pela trilha sinuosa morro acima. Chegamos ao alto junto à casa de um vizinho. Êle deve ter visto o jipe aproximar-se, porque abriu a porta imediatamente. Vi rostos flutuando diante de mim. Tiraram Katie do jipe.

Minhas recordações do resto são confusas. Alguém me deu conhaque. Outra pessoa limpou meu rosto com um pano, e eu percebi que a saliva escorria dos cantos de minha boca. Eu estava deitado no chão diante de um fogo imenso, tremendo incontrollavelmente e fazendo involuntários ruídos estranhos. Por entre a névoa chegou-me a voz de Katie:

—Querido, você está bem?

—Não—resmunguei eu indelicadamente.—Estou com frio.

Então desmaiei, e voltei a mim com um jato de oxigênio ministrado pela Patrulha de Salvamento local. Levaram-nos para o hospital, cercaram-nos de uma dezena de deliciosos sacos de água quente, e deram-nos injeções antitetânicas e antitíficas. Da cintura para baixo, nossos corpos eram um mosaico de contusões e cortes, das pancadas contras as pedras, mas não havia fraturas.

Tomaram nossas temperaturas. A de Katie era 33 graus centígrados. Isso foi umas duas horas depois de têmos chegado à casa do vizinho. Depois eu soube que os especialistas de sobrevivência no frio consideraram 31 graus centígrados a temperatura de corpo mais baixa da qual uma

peessoa pode normalmente esperar recuperar-se. Katie deve ter estado muito próxima do limite.

DURANTE nossos anos de casados, eu e Katie temos tentado viver cada dia conscientes da beleza que nos rodeia, dela absorvendo alegria e vigor. Continuamos a viver assim. No entanto, êsse encontro com a morte limpou uma porção de teias de aranhas, e coisas que outrora eram grandes problemas agora não parecem tão importantes.

Nós ainda gostamos muito do rio.

No verão, com os nossos filhos, agora crescidos, fomos até às margens do Potomac de jipe, para fazer um piquenique; depois tomamos um banho e brincamos na corredeira.

Mas nunca mais pensaremos no rio como membro da família. É uma porção de água em movimento, lindo em seus poços parados, em seus canais em disparada, e no lugar onde espuma por cima das pedras, abaixo da casa. Mas não tem consciência. Se esquecermos que só obedece às leis da gravidade, êle poderá tranquilamente matar-nos.



UMA VISITANTE estava num carro dirigido por um rapaz balinês quando chegaram a uma das pontes compridas e estreitas muito comuns em Bali. O carro teve de diminuir a marcha porque um bando de patos estava sendo tocado por ela, na mesma direção.

—Por que não toca a buzina?—perguntou a mulher, impaciente.

—Porque, minha senhora—disse êle—eu acho que os patos já estão andando o mais rápido que podem.

—James Riddell, *Flight of Fancy*, (Duell, Sloan & Pearce, ed.)



VÁRIOS comerciantes da nossa cidade dão presentes aos orgulhosos pais de recém-nascidos. Entre os brindes que recebemos quando nasceu nossa filha havia um cupom para ser trocado (por selos-valetas de brindes) num pôsto de gasolina local. Assim que minha mulher ficou em estado de sair para fazer compras, foi ao pôsto de gasolina e pediu os selos a que fizera jus tendo o bebê. O rapaz, que evidentemente não estava a par do sistema, pareceu intrigado, mas recebeu o cupom. Quando voltou com os selos, sorriu e disse:

—Madame, nunca me canso de admirar o que as mulheres são capazes de fazer para ganhar êstes selos.

—D. G. S.